



BRASIL: 500 ANOS DE LÍNGUA PORTUGUESA

Prof. Fernando Castim

Resumo: Brasil: 500 anos de língua portuguesa. Neste artigo, o autor identifica e comenta as principais etapas da gênese da língua portuguesa: desde o latim vulgar, falado pelo povo que constituiu o Império Romano, ao latim nas versões clássica e literária, passando pelas contribuições indígenas e africanas. Exemplifica como a fonética e a morfologia foram afetadas ao sabor dessas influências. Apresenta três momentos importantes da aculturação pela qual passamos: desde a chegada dos portugueses às lutas pela preservação da colônia; do desembarque da Família Real aos dias de hoje. Uma síntese que abrange da descoberta ao aniversário de 500 anos de fundação da nação brasileira.

Palavras-chave: língua, aculturação, lingüística, história.

Abstracts: In this paper, the author identifies and comments on the main phases of the genesis of the Portuguese language. From the vulgar Latin spoken by the people who constituted the Roman Empire, to Latin, in its classical and literary versions and also influenced by native Indian and African contributions. The analysis exemplifies how phonetics and morphology were affected and tinged by those influences. It presents three important moments of acculturation that we underwent, starting with the arrival of the Portuguese to the fights to maintain the colony; from the landing of the Portuguese Royal Family up to today. A synthesis that goes from the

discovery up to the five hundredth anniversary of the founding of the Brazilian nation.

Key words: Language, acculturation, linguistics, history

1. O PRINCÍPIO

É difícil traduzir tantos anos de história de língua portuguesa em alguns momentos e com poucas palavras. Difícil encontrar todas as palavras necessárias; difícil encontrar a síntese. A solução é brigar com as palavras, passar mais de hora tentando fazer o verso que a pena não quer escrever, no dizer de Drummond. Estaremos tentando o melhor, numa homenagem à língua de Luís de Camões e de todos os brasileiros e portugueses.

As línguas românicas têm suas origens no latim vulgar - latim falado pelo povo -, e não obrigatoriamente no latim escrito pelos letrados do Império Romano, ou seja, o latim na sua modalidade clássica ou literária, que era, na verdade, de uma minoria.

“Podemos admitir que as modalidades da língua falada em Roma eram bem mais pronunciadas do que as que se observam em qualquer comunidade lingüística moderna. Com efeito, as diferentes classes sociais se definiam de maneira mais acentuada do que nas nações atuais, onde o ideal democrático concorre para a interação dos indivíduos. Desse modo, das duas classes por que primitivamente se distribuía o povo – os patrícios e os plebeus -, a primeira, repousando na consciência do sangue comum, constituía uma elite, que se caracterizava pela educação e pelos costumes refinados, ao passo que a Segunda, mescla de elementos emigrados de toda parte, representava a grande massa dos habitantes de Roma e das regiões por ela romanizadas. Enquanto a aristocracia dos patrícios, conservadora de tradições e habituada à vida do fórum, era herdeira de um patrimônio a que se apegava por vezes formalisticamente, os plebeus, em grande parte cruzados com adventícios que se davam a trabalhos humildes, não sabiam de onde vinham e não chegavam a incorporar em si um ideal de cultura.”¹

Assim, ao lado do “sermo perpolitus”, ou



seja, do latim clássico, polido, nobre, latim das formas literárias, havia a grande massa que desconhecia essa modalidade, comunicando-se com o código língua latina bastante diferenciado, bastante simplificado e visto com maus olhos por aqueles que tinham uma educação superior. Porém, a verdade é que o latim vulgar dominava: era o código do agricultor, dos escravos, dos sapateiros, dos taberneiros, dos alfaiates, dos soldados, dos comerciantes, dos estrangeiros. A essa modalidade de latim chamavam de várias maneiras: “sermo quotidianus, rusticus, plebeius, ruralis, pedestris, usualis, vulgaris”. Essa forma rudimentar, porém dominante, chegou-nos não pelos livros, mas “ex ore” e se mantém até hoje com nomes diferentes: língua portuguesa, língua espanhola, língua francesa, língua italiana, língua romena e tantas outras. Dessa modalidade falada, do latim vulgar, não temos senão fragmentos.

2. O LATIM VULGAR E A PENÍNSULA IBÉRICA

Em fins do século III a. C., os romanos enviaram os seus soldados para expulsarem os cartagineses na Península Ibérica. Após a expulsão do inimigo que ameaçava a soberania do Império no mar Mediterrâneo, dedicaram-se os invasores romanos ao trabalho de romanizar a Península, isto é, impor sua cultura (língua, costumes etc) aos povos ibéricos.

Aos poucos, sedimenta-se a cultura latina e, claro, a língua dos colonos e da soldadesca... e de todos os que para lá foram. Assim, para impor-se como raça superior, Roma abriu escolas, construiu estradas, edificou templos, organizou o comércio, os correios, o serviço militar. Além disso, obrigou o uso do Latim nos atos oficiais e nas transações comerciais. De dois modos, pois, podemos bipartir a atuação de Roma na Península: dominou-a militarmente e provocou uma assimilação cultural, tendo em vista o fato de que os dominados se acostumaram a ver no romano o peso pesado de uma civilização superior habituando seus ouvidos a uma língua que não era totalmente estranha – celtas, iberos e latinos ti-

veram origens comuns no Indo-europeu. “Sem dúvida” – dizia Estrabão, geógrafo grego do século I d.C. – “tão completa foi a assimilação do gentio ou invasor, que adotaram de todo os costumes romanos e até nem já se lembram da própria língua.”

Afirmam os historiadores que, no século III d.C., a Península Ibérica estava romanizada.

3. O ROMANCE LUSITÂNICO E A LÍNGUA PORTUGUESA

A partir do século V d.C., o latim peninsular entrou numa outra fase evolutiva: sofreu a influência de línguas bárbaras, chamando-se, então de “romance” – um falar intermediário entre o latim vulgar e qualquer língua românica.

No começo do século VIII d.C., a Península Ibérica sofre uma nova invasão, a dos árabes, de quem vai também receber influência nos cerca de sete séculos de dominação islâmica. São influências sobretudo no vocabulário, visto que a cultura árabe, bem mais adiantada, é verdade, não foi totalmente aceita pelos peninsulares.

Do século IX ao século XII, transforma-se o romance lusitânico em galego-português, assumindo sua modalidade escrita e sua soberania a partir da independência de Portugal: em 1139, na batalha de Ourique, contra os mouros, D. Afonso Henrique é aclamado pelas tropas o primeiro rei português, fundador da dinastia de Borgonha.

4. O GALEGO-PORTUGUÊS

Na região onde foi fundada a monarquia portuguesa, falava-se o dialeto galeziano ou galaico-português. Tal dialeto era comum às regiões da Galiza e da Espanha. No entanto, à medida que Portugal estendia os seus domínios para o Sul, estabelecendo os seus limites atuais e absorvendo os romances e dialetos que por aí existiam, iam-se processando as diferenças lingüísticas entre o falar dos galegos, que permaneceu estaci-

onário, e o falar dos portugueses, que evoluiu tanto e tornou-se independente do galego. Daí a separação: o galego ficou sendo falado só na Galiza e o português tornou-se a língua da nacionalidade portuguesa.

5. A LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL: UM PROBLEMA DE ACULTURAÇÃO

Com a descoberta do Brasil, em 1500, e sua conseqüente colonização, cruzaram-se culturas diferentes. Como propõe Serafim da Silva Neto², é a base demográfica formada de colonizadores, oriundos de todas as partes do país e de regiões específicas; de alogotas, isto é, de populações que abandonaram a língua materna para adotar o português, como populações de origem afro; de emigrantes, a partir sobretudo do século XIX, cujos descendentes falam, desde a primeira geração, o português do “círculo social ou da área regional onde vivem”. Além disso, levem-se em consideração, conforme o autor citado, a base social – grau de contato e de organização da sociedade – e base literária, aqui trazida e divulgada pelos padres jesuítas. Ainda vale ressaltar as diversas modificações dos padrões originais dos grupos em choque – índios e portugueses. Se, de um lado, coube aos silvícolas impor ao conquistador alguns ajustes culturais, como o uso do pau-a-pique, o trato da mandioca em substituição ao trigo e o uso da rede para dormir, coube ao branco colonizador inculcar na massa primitiva os seus padrões de cultura, sobretudo o padrão lingüístico. É isso o que testemunha Anchieta quando se refere aos meninos índios instruídos na língua portuguesa: “...a qual aprendiam bem e falavam com graça”. O Prof. J. Mattoso Câmara mostra que também os dialetos que os Tupis falavam foram aprendidos pelos brancos e daí se desenvolveu uma língua geral de intercurso, o Tupinambá, de um dos grupos mais importantes e que mais esteve em contato com os portugueses. Essa língua era ensinada em tratados gramaticais, para fins de catequese, atuando numa verdadeira relação de adstrato com a língua portuguesa.³

“Nos primeiros tempos, e até o século XVIII em alguns

lugares, falou-se mais tupi que português, sendo esta a língua oficial, a das cidades maiores, a língua da administração ou do comércio, e o tupi a língua caseira, transmitida principalmente de mães a filhos, instrumento de comunicação do quotidiano.”⁴

Por outro lado, constate-se que índios e descendentes de índios, populações rurais e urbanas usuárias da língua tupi, em determinada época, com o maior processo de urbanização em curso, “*deixaram de usar uma língua sem flexão, de vocabulário relativamente pobre e de sistema sonoro completamente outro... (...) Formou-se, assim, seguramente, um dialeto crioulo do tipo tupi.*”⁵

Um outro choque cultural ocorreu com a contínua importação de negros africanos. A relação entre o negro e o senhor foi mais íntima e mais direta. A língua portuguesa não soava tão estranha, tendo em vista proceder a maior parte dos escravos de possessões portuguesas na África. Desse modo, está enganado quem pensa num país algarávico ou mesmo um tanto babélico pela diversidade de línguas e etnias. Os ajustes para um português do Brasil se realizaram num tempo relativamente pequeno, já que, em matéria de língua, os séculos ainda são medidas consideravelmente pequenas. A realidade, pois, é que os africanos, reunidos das mais distintas nações negras, foram colocados à força num “habitat” onde tiveram o compromisso de criar uma língua de intercurso.

Os portugueses, por sua vez, não provieram somente da Corte, mas dos campos e das províncias. Aqui, por certo, não encontraram os mesmos traços e complexos sociais ou culturais do mundo Peninsular. Ajudaram, no entanto, a formar, com índios e negros, uma sociedade bastante diversa da que existia na Europa, com horizontes bem mais limitados

6. FASES DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL

O grande filólogo Serafim da Silva Neto fixou em três fases a história da língua portuguesa



sa no Brasil⁶:

1ª fase: (1532-1654) – do início da colonização até a expulsão dos holandeses. Predomina o mameluco e o bilingüismo. Fase de abastardamento e corruptelas, no meio de uma gente considerada rude para os padrões das cortes européias.

2ª fase: (1654-1808) – da expulsão dos holandeses à chegada da Corte Portuguesa. Predomina o crescimento do branco e do negro. A língua geral de intercurso perde seu prestígio como instrumento de comunicação, restringindo-se ao interior e aos aldeamentos jesuítas. Some-se ainda o fato de que esta fase *“é o auge da expansão territorial, compreendida no sentido de que as populações de índios, negros e mestiços, que se comprimiam nas regiões costeiras, passam a alastrar-se pelo interior do território. Nessas entradas, por certo se entendiam num linguajar de emergência, mas é lícito imaginar como o homem branco desempenhava um papel de mestre-escola ou de polícia idiomática.”*⁷

3ª fase: (1808 - ...) – da chegada da Corte Portuguesa aos dias atuais. Ocorre o fenômeno da urbanização, isto é, a migração de famílias do campo para a cidade grande, formando, lenta mas constantemente, o padrão lingüístico urbano de classes intelectualmente superiores. A língua literária vai utilizar tal modalidade como veículo da expressão de uma elite rural que assume fúmulos de nobreza ao freqüentar os salões e os paços da incipiente burguesia brasileira.

7. A INFLUÊNCIA TUPI

A língua portuguesa do Brasil resulta hoje não só da dinâmica evolutiva da própria língua falada em Portugal e instalada aqui no Brasil, como também provém do contributo que lhe deram as línguas indígenas e as línguas africanas, através de índios e negros baseados no território brasileiro.

Embora grande o prestígio da língua portuguesa na 1ª fase da colonização, não se pode

deixar de reconhecer o prestígio do tupi, para ele contribuindo o próprio colonizador português, como uma forma de recompensa dada às suas mulheres índias e aos filhos mamelucos. Sobre isso, diz o Padre Antônio Vieira: *“É certo que as famílias dos portugueses e índios de S. Paulo estão tão ligadas hoje umas com as outras que as mulheres e os filhos se criam mústica e domesticamente, e a língua que nas ditas famílias se fala é a dos índios, e a portuguesa vão os meninos aprender na escola...”*

De sua parte, os padres jesuítas, empenhados na catequese, aprendem e codificam a língua de intercurso – o tupi. Empenham-se eles no conhecimento prático da língua-geral a tal ponto, que poemas, autos, gramáticas e dicionários são produzidos, aproximando, numa verdadeira “interface” dos tempos modernos, línguas diametralmente opostas trabalhando em conjunto para formar o que chamamos hoje de “português do Brasil”. Geralmente os termos incorporados ao vocabulário da língua portuguesa são nomes próprios ou apelidos de pessoas e elementos de composição. A título de exemplo, apresentamos alguns elementos do léxico de origem tupi:

- a) topônimos: Carioca, Guanabara, Ipanema, Maracanã, Pernambuco, Igarapé, Tamandaré.
- b) antropônimos: Iracema, Jaci, Juraci, Jurema.
- c) folclore: saci, caipora (kaa + pora = morador do mato), curupira (kuru + pir = coberto de feridas).
- d) flora e fauna: abacaxi (iba + kati = fruto recendente), capim (caa + piin = folha delgada), peroba (ipê + rob = casca amarga), pitanga (pitãg = vermelho), araponga (wira + ponga = pássaro soante), capivara (comedor de capim), suçuarana (susua rana = semelhante ao veado).
- e) elementos da fraseologia: “estar na pindaíba”, chorar pitanga”.

8. A INFLUÊNCIA AFRICANA

Com relação à influência africana na língua portuguesa, considerem-se alguns aspectos.

1) Os negros africanos, trazidos para trabalhar a terra generosa do Brasil, que, segundo o escrivão da armada, “em se plantando tudo dá”, tingiram o Brasil não só com sangue e suor - e mais tarde com o samba e o carnaval -, mas sobretudo com o substrato do nagô ou ioruba (sudanês) e do quimbundo (banto).

2) A área lingüística mais afetada da língua portuguesa teria sido a fonética e a morfologia, vez que nagô e quimbundo são línguas aglutinantes, portanto desprovidas de sistema flexional. Donde se segue que, na língua portuguesa, tal influência repercute à medida que os utentes da língua vão reduzindo as flexões e corrompendo os fonemas, gerando uma imensidade de alofones e alomorfes. Caso típico é a tendência que populações menos escolarizadas e menos próximas do litoral têm de flexionar os verbos só em duas pessoas: “Eu gosto, tu gosta, ele gosta, nós gosta, vocês gosta.” O domínio maior do branco e do mulato e a presença da escola condenam tal fenômeno ao desaparecimento.

3) Nem todo vocábulo que existe no Brasil como resíduo africano comprou passagem nos navios de África com demanda ao Brasil. Alguns já haviam tirado passaporte em Portugal, pois o africano também lá viveu e deixou uma influência pelo menos no vocabulário. É o que registra a carta de Pero Vaz de Caminha com o termo “inhame”, da África Ocidental Portuguesa.

9. CONCLUSÃO

O Brasil vai completar 500 anos de idade, e infere-se que, nesses cinco séculos de existência, tenha adquirido sua maioridade lingüística, para não falar em independência lingüística, que seria uma cretinice da nossa parte. Jamais poderemos negar nossas origens portuguesas, africanas e nativas; jamais deixaremos de beber nas

nossas origens, como quer Mário de Andrade, que sabia o que estava dizendo - etnólogo que era -; jamais podemos deixar de lado as “teorias-avós” em cujo pote se mesclaram línguas ibéricas, línguas africanas, línguas tupis para gerar o que Murilo Mendes chamava de “um sabiá com certeza de idade”. Essa mistura, em que a matriz - a língua lusitana - acatou substratos de línguas tão estranhas, enriqueceu-a, tornando-a menos inculta e mais bela. Povoada de falares regionais, de formas familiares e vulgares menos cuidadas - como afirma Serafim da Silva Neto⁸ -, tornou-se também a língua portuguesa da escola, das formas polidas e dos textos literários, língua da expressão poética de quem soube e sabe que ela tem primores aqui que não se encontram por lá.

NOTAS

¹ Cardoso, Wilton & Cunha, Celso. *Português através de textos: estilística e gramática histórica*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1978, pág. 47.

² Câmara Jr., J. Mattoso. *História e Estrutura da Língua Portuguesa*. 3ª ed. . Rio: Padrão, 1979, pág. 27.

³ Silva Neto, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. 2ª ed. aumentada. Rio de Janeiro: Livros de Portugal, 1970, pág. 521.

⁴ Melo, Gladstone Chaves de. *Iniciação à Filologia Portuguesa*. 3ª ed. Rio: Livraria Acadêmica, 1967, pág.135.

⁵ Idem, pág. 136.

⁶ Silva Neto, Serafim da. *Introdução ao Estudo da Língua Portuguesa no Brasil*. Rio: Presença / MEC,1976, pág.73.

⁷ Cardoso, Wilton & Cunha, Celso. *Opus cit.*, pág. 241.

⁸ Silva Neto, Serafim da. *História da Língua Portuguesa*. Idem, pág. 525.

